

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

DUAS NOTÍCIAS. 1. A ZONA DE INTERESSE ARQUEOLÓGICO-INDUSTRIAL DAS ANTIGAS FÁBRICAS DE CURTUMES EM GUIMARÃES; 2. NOTÍCIA SOBRE UM ACHADO PRESUMIVELMENTE DA ÉPOCA ROMANA EM GUIMARÃES.

ALVES, José Maria Gomes

Ano: 1977 | Número: 87

Como citar este documento:

ALVES, José Maria Gomes, Duas notícias. 1. A zona de interesse arqueológico-industrial das antigas Fábricas de Curtumes em Guimarães; 2. Notícia sobre um achado presumivelmente da época romana em Guimarães. *Revista de Guimarães*, 87 Jan.-Dez. 1977, p. 281-287.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Duas Notícias

Por GOMES ALVES

1. A ZONA DE INTERESSE ARQUEOLÓGICO-INDUSTRIAL DAS ANTIGAS FÁBRICAS DE CURTUMES EM GUIMARÃES

Não pode a «Revista de Guimarães» deixar passar em claro um facto que, pela sua importância para a cultura local é, ou pode ser, se for bem conduzido e conseqüente, um verdadeiro acontecimento, ainda que um tanto invulgar no nosso país.

É o propósito, afirmado superiormente, de preservação e aproveitamento da chamada *Zona do Rio de Couros*, hoje uma área bastante degradada, com profundas implicações de ordem sanitária, a constituir, pode dizer-se, sem exagero, uma das áreas mais insalubres de Guimarães.

Não obstante, mereceu a classificação de alto interesse público e foi considerada como área de respeito, documento autêntico, a conservar e talvez único, de *arqueologia industrial*.

Vale esta iniciativa, para já, como meio eficaz de obstar à contínua destruição de todo o concentrado testemunho da grande e muito específica actividade tradicional, que é também uma das mais antigas e representativas de Guimarães, a *indústria de curtumes*.

É pertinente e justa, como nota abalizada de esclarecimento, uma chamada especial para a obra do escritor vimaranense, já falecido, A. L. de Carvalho quando, circunstanciadamente dela fala, nos seus «Mestres de Guimarães» 3.º volume — pág. 32).

«... Galoparam os séculos, desfilaram as gerações; e os obreiros obscuros dos couros continuaram na sua faina junto ao pequeno riacho, chegando até aos nossos dias envolvidos na melopeia das mesmas águas.

E quem poderá, rompendo a bruma dos tempos, revelar-nos a era inicial da indústria dos couros entre nós?

Pelo topónimo de «rio de couros» vamos até meados do século XII.

Tomando a leitura do foral do Conde D. Henrique, recuamos ao século XI.

E tanto um como outro destes elementos, são demonstrativos da existência remota do trato manual dos couros em Guimarães, trato que veio pelos tempos fora, numa constância que é honra desta terra e da sua grei.»

Tem, com efeito, esta Terra, uma tradição muito marcada nesta antiquíssima indústria. Os seus vestígios ainda perfeitamente evidentes, nas velhas e muito características construções, muito precárias pela singeleza de meios, os seus tanques de granito, ou tanques de curtimenta e fulões de madeiras especiais, aloques, as varandas ou tendais as agora anacrónicas transmissões de movimento de veios e mais veios e rodas sem fim, os utensílios do surrador e grosador variadas ferramentas dos artífices que passaram de geração em geração, estão ainda em condições de proporcionar um extenso e muito curioso repositório documental do maior interesse para o estudo arqueológico-etnográfico e histórico do que foi um dos ofícios mais antigo e da maior importância económica, nesta região.

Por todo o mundo civilizado, onde estes problemas merecem, de há muito, um lugar de muito apreço, está-se a procurar definir aquilo a que se chamam *áreas de integração e protecção dos valores arqueológicos*, nos seus diversos domínios, procurando-se subtrai-las à fúria do progresso ignaro, verdadeiro acto de consciencialização cultural, quer do ponto de vista didáctico, quer até como simples elemento de divulgação turística. Beneficiando-as e procurando restituí-las às formas iniciais, com todos os seus pertences e acessórios, dotando-as com acessos mais fáceis e limpos, sem descaracterizar o seu ambiente próprio, bem pelo contrário procurando encontrar a

sua feição primitiva, será possível aliciar rapidamente novos interesses complementares colaborantes, despertar o gosto por estes valores autênticos do património moral e material, que é o mesmo que contribuir decisivamente para o desenvolvimento da cultura, no conhecimento dos hábitos mais arreigados dos nossos antepassados.

Será possível então desenvolver acções muito válidas de informação, complementando a iniciativa com trabalhos fotográficos de reconstituição e acautelando as velhas máquinas, objectos específicos e ferramentas, que em vez de tomarem o rumo inexorável da sucata, ali podem ficar expostos e conservados em seus lugares, para melhor compreensão dos eruditos e dos simples visitantes.

Assim se contribui, correctamente, para fazer a verdadeira história dum povo!

Recordamos, como exemplo, a EXPOSIÇÃO DE ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL, organizada pelo *Cultureel Centrum Pro Civitate*, realizada em Bruxelas, em Janeiro de 1976, que tivemos ocasião de visitar. Dela nos ficou uma magnífica impressão e melhor compreendemos qual o contributo que pode ter para o estudo dos povos e dos seus officios a manutenção e divulgação destes valores.

Escusado será, pois, realçar com mais palavras o grande alcance da ideia em marcha, impõe-se sim, dar-lhe apoio e prossegui-la com o maior entusiasmo.

Para finalizar e como nota imprescindível nesta referência breve, permitimo-nos juntar uma planta topográfica com indicação da zona da cidade abrangida pelo despacho governamental e bem assim o seu texto integral.

«Nos termos dos art.ºs 1.º e 2.º do Decreto-Lei n.º 181/70, de 28 de Abril, e para cumprimento urgente do disposto no art.º 3.º do mesmo diploma, comunico a V. Ex.ª que, por despacho de Sua Excelência o Secretário de Estado de Investigação Científica proferido sobre propostas da 4.ª Subsecção da 2.ª Secção da Junta Nacional da Educação, foi determinada a classificação como imóvel de interesse público, o conjunto das antigas fábricas de curtumes, nessa cidade.

A zona abrangida por esta classificação fica sujeita às disposições legais em vigor, designadamente os art.ºs 25.º

a 48.º do Decreto n.º 20.985, de 7 de Março de 1932, do Decreto n.º 38.888, de 29 de Agosto de 1952, do Decreto-Lei n.º 28.468, de 15 de Fevereiro de 1938, do Decreto-Lei n.º 39.600, de 3 de Abril de 1954, e do n.º 2.º do § 1.º do art. 19.º do Decreto n.º 46.349, de 22 de Maio de 1965.

Julho de 1977; O Director-Geral do Património Cultural».

Guimarães, Dezembro de 1977

2. NOTÍCIA SOBRE UM ACHADO PRESUMIVELMENTE DA ÉPOCA ROMANA EM GUIMARÃES

Quando se procedia à abertura de um poço para drenagem de águas pluviais de superfície que prejudicavam a moradia que o Dr. António Augusto de Gama Brandão mandou edificar, na zona do Liceu, desta cidade, foram encontradas, a poucos metros de profundidade, entre dois e três metros, duas manilhas cerâmicas que, desde logo, suscitaram a curiosidade do proprietário, a ponto de admitir que se tratava de algo estranho e porventura com interesse arqueológico.

Tendo chegado ao conhecimento da Sociedade Martins Sarmento que se tinha verificado este achado, imediatamente se procurou tomar algumas providências para o identificar e bem assim conseguir o máximo de informações a seu respeito.

Começamos naturalmente por visitar o local do achado (fizemo-lo na companhia dos Drs. Armando Ferreira e Rui Centeno, da Faculdade de Letras do Porto) e indagar a forma como ele teria surgido, tendo-se logo obtido a informação que foi absolutamente por acaso, quando se pretendia abrir o citado poço, próximo da garagem da residência. Conseguimos saber que possivelmente não se trata de um achado isolado, visto que se admitiu e testemunhou a existência da continuidade desta canalização, possivelmente para água limpa, segundo um traçado que facilmente se poderá determinar pela posição bem definida das peças encontradas.

Os troços de canalização, em cerâmica grossa, com aspecto limpo e conservado, foram fotografados e mantêm-se à guarda do proprietário, que prometeu entregá-los, oportunamente, à Sociedade.

Com vista em estudos posteriores, completa-se esta notícia com a adição de uma planta topográfica na Esc. 1:1.000, com a implantação do local e do presumível traçado da canalização.

Embora não se conheçam outros achados da época

romana, nas proximidades e mesmo por toda a área da cidade, julgamos que seria útil assinalar o evento, pelo interesse futuro que poderá vir a ter.

Consultada a Ex.^{ma} Dr.^a Adília Alarcão, Directora do Museu Monográfico de Conimbriga, obtivemos dela um parecer que, com a devida vénia, transcrevemos.

*Ao Vice-Presidente e Director dos Museus da Sociedade
M. Sarmento
Guimarães*

Conimbriga, 10 de Agosto de 1977

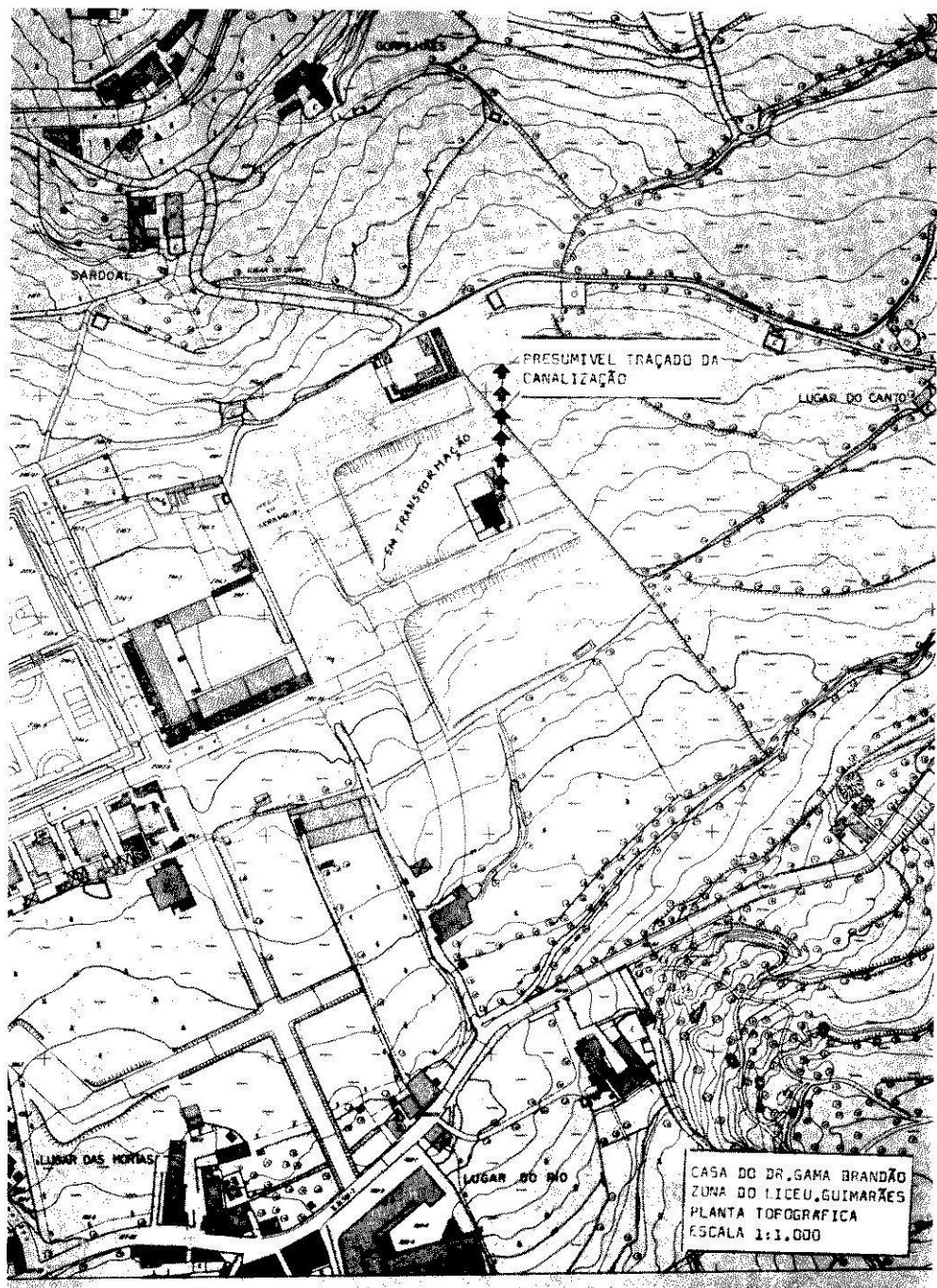
*Agradeço muito os cumprimentos e a consulta de V. Ex.^a,
datada de 29 de Julho.*

Os elementos de canalização que me faz conhecer, têm exacto paralelo em Conimbriga, embora não seja possível datá-los com segurança. O exemplar que nos resta quase intacto provém de escavações anteriores à existência do museu e não sabemos de que nível saiu. Entre os fragmentos, suficientemente grandes para se ver que se trata dos mesmos objectos, há, porém, dois provenientes de entulhamentos feitos no fim do séc. I d. C. para construção das termas públicas que designamos flávio-trajánicas.

Ignoro por completo até quando tais manilhas foram fabricadas, mas pelo que disse atrás, é de admitir que se trate de achado romano e bem antigo.

Atrevo-me a sugerir o que provavelmente V. Ex.^a já fez, isto é, segurar o maior número de documentação possível, guardando as manilhas no Museu e a respectiva documentação fotográfica delas no sítio, tal como se encontravam, bem como o seu levantamento topográfico. A implantação do troço de canalização e a cota a que se encontra, são elementos valiosíssimos para a carta arqueológica e para toda a investigação mais tarde se queira fazer. Se as manilhas não formavam troço, por estarem dispersas e já foram recolhidas sem levantamento, seria mesmo assim aconselhável referenciá-las numa carta do local a indicar a altura aproximada a que foram descobertas em relação a qualquer ponto fixo na proximidade.

O facto de não se conhecerem outros achados romanos na zona não impede que estes sejam os primeiros. Também pode acontecer que embora o tipo seja romano, a fabricação



Planta com o local do achado

destas peças seja mais tardia. De qualquer modo é um achado importante que deve ser bem registado e pode dar origem a uma investigação interessante.

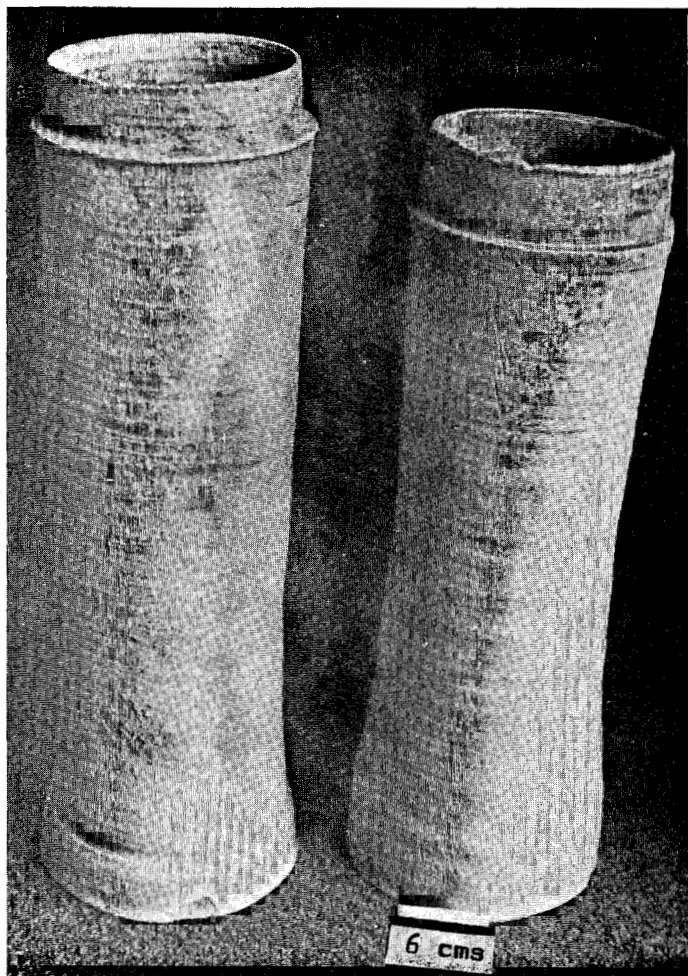
Sempre ao dispor, apresento a V. Ex.^a os meus cumprimentos.

Este circunstanciado parecer de tão reputada especialista, que agradecemos, veio pôr-nos de sobreaviso para a importância que o documento encontrado pode ter para o estudo das origens mais remotas daquelas paragens, nas quais, até agora, nunca se admitiu algo que fosse de relação com a civilização romana.

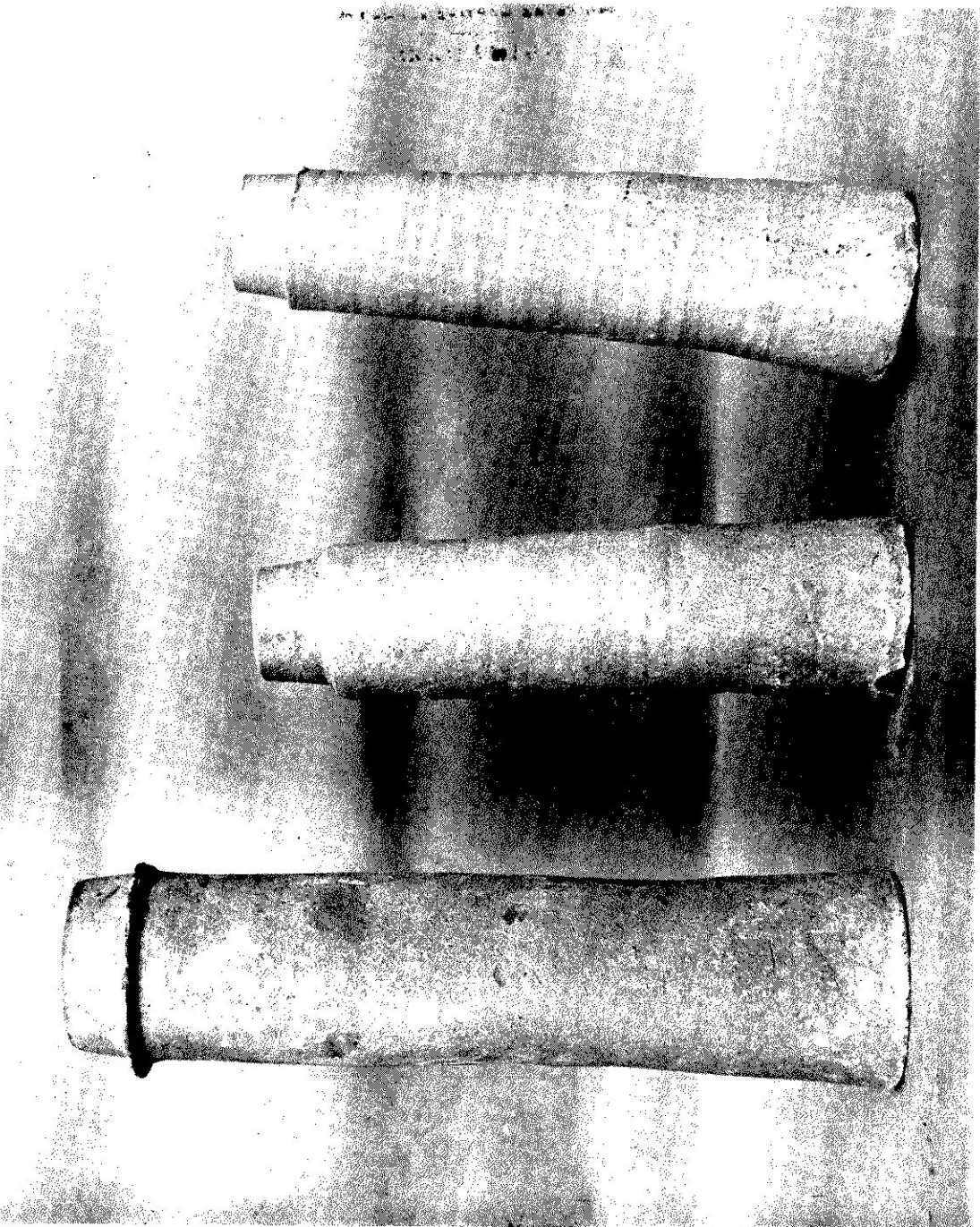
Para completar a nota permitimo-nos juntar uma fotografia de várias peças idênticas, existentes no Museu da Sociedade, provenientes de Vizela, possivelmente das antigas Termas Romanas que lá existiram.

Guimarães, Julho de 1977

Gomes Alves



O Achado



Peças semelhantes existentes no Museu da Sociedade Martins Sarmento